

# letra

o jornal do alfabetizador

ISSN 1808-0650



0718080650414



Belo Horizonte, out./nov. de 2007 - Ano 3 - n° 12



Belo Horizonte, out./nov. de 2007 - Ano 3 - n° 12

letra

# È depois, o que fazer?



ZILDA VISENTI E CRISTINA ROQUE - professoras da Faculdade de Educação da UFMG

Aproximar-se, por vários caminhos, da cultura das salas de aula, nas séries iniciais e fases seguintes, é a proposta que une os textos deste *Letra A*. Tendo, então, a aprendizagem em sala de aula como eixo, algumas matérias apontam desdobramentos da fase inicial da alfabetização que geram dúvidas e pedem reflexão. Entre elas, destacamos aquela que trata da continuidade do trabalho iniciado no primeiro ciclo, a partir de uma questão recorrentemente colocada por professores alfabetizadores: Como dar seqüência à alfabetização, promovendo, junto aos alunos do segundo ciclo, usos efetivos da escrita e da leitura?

Nesta fase, ainda há muito que ensinar, em termos de língua escrita. Ao nos preocuparmos com o desenvolvimento da alfabetização e do letramento nos ciclos seguintes ao da alfabetização inicial, torna-se fundamental envolver alunos e professores, cada vez mais, na definição de metas e progressões a alcançar. Para fazer projeções sobre os conteúdos e capacidades linguísticas dessa fase, é necessário compreender o que torna específico o tempo de aprendizagem do segundo ciclo. Uma das metas centrais deve ser a crescente autonomia dos alunos. Que possam ler e escrever textos, sempre mais variados, que circulem em esferas além do cotidiano. Que o façam sem prejuízo da reflexão sobre os fenômenos da língua. Isto pode ser feito de forma compartilhada e negociada na sala de aula.

É preciso lembrar que, com crianças do segundo ciclo, não podemos abandonar conquistas e culturas do ciclo anterior em função da progressão dos tempos e conteúdos escolares. Uma dessas conquistas é a aprendizagem prazerosa, que se faz com humor, cumprindo a função lúdica da linguagem. Que essa função nunca se perca no decorrer dos outros tempos de aprendizagem que virão. Daí a dica de apropriação do repertório da literatura oral, como as adivinhas, rico material linguístico para aguçar e desenvolver a percepção dos sons e dos sentidos. Na interação com esses textos, os alunos podem participar efetivamente de um jogo de regras compartilhadas por eles. Se ainda não conhecem as aritmânhas das adivinhas, logo perceberão o convite à participação, assim lançado: "o que é, o que é", "Textos lúdicos escolhidos para as interações em sala de aula devem acompanhar o aluno em todas as etapas. O mesmo se

pode dizer do humor. As descobertas que a linguagem propicia ao fazer rir podem ser também exploradas, tanto no início da aprendizagem da escrita quanto com o aluno que já "passa" mais desenvolto pelos textos com os quais interage.

Na entrevista desta edição, outra proposta para uma melhor compreensão do processo de aprendizagem, contando com instrumentos mais eficazes de observação. Judith Green fala da riqueza que se pode encontrar em cada sala de aula e da necessidade de que todos que usam esse espaço compreendam os elementos que o organizam. A cultura de uma classe – alunos e professor(a) – relaciona-se com aspectos gerais da escolarização, mas há, em cada sala de aula, singularidades que um grupo colaborativo pode desvendar e partilhar. É preciso, no dia-a-dia da sala de aula, estabelecer metas e projetos comuns, pautados por decisões de professores e alunos, tornando essa cultura visível para, por exemplo, alunos que vêm de outras escolas e culturas e que precisam entender com o grupo funciona. Um olhar etnográfico como metodologia de trabalho envolve alunos e professores como observadores do que ocorre na sala de aula, refletindo sobre o seu funcionamento.

A cultura da sala de aula e da escola pressupõe outra: a cultura escrita, que se desenvolve num contínuo processo de mudança, sobretudo quando passamos a usar novos instrumentos para escrever. Hoje se coloca em questão alguns aspectos que antes eram centrais no aprendizado da escrita, acentuado pelo fato de o manuscrito dividir suas práticas com outros modos de escrever. No entanto, a escrita caligráfica, bem cultural que herdamos, cumpre uma função social e estética. Embora o ensino da caligrafia tenha saído de foco, como objeto de ensino, cabe principalmente à escola ensinar esse gesto de procurar escrever bem com mais "economia". Passada a euforia do advento da escrita "teclada", é hora de voltar nosso olhar para o ensino da caligrafia, atualizando a sua função e a sua necessidade.

Esperamos que estas e outras temáticas das matérias deste *Letra A* repercutam na conversa dos professores e enriqueçam sua reflexão sobre a aprendizagem da escrita nos diferentes contextos e culturas escolares. Caso sintam-se instigados pelos textos de nosso jornal, escrevam-nos.

Grande abraço.

## CONSELHO DE LEITORES

Participe de debates entre professores e equipe do *Letra A*. Conheça mais sobre a produção das matérias e dê sugestões de temas e abordagens para os assuntos tratados nos próximos números. Os encontros do Conselho de Leitores são realizados na Faculdade de Educação da UFMG. Para agendamento de turma de Pedagogia, Letras ou Normal Superior ou para saber mais sobre a próxima reunião aberta: [letra.a@fae.ufmg.br](mailto:letra.a@fae.ufmg.br) or (31) 3409 5334.

## PROMOÇÃO "CLASSIFICADOS LETRA A"

Envie um resumo de projeto interessante, sobre qualquer tema, desenvolvido em uma turma de alfabetização ou em continuidade desse processo (crianças entre 6 e 10 anos) de escola pública brasileira. Os projetos selecionados serão publicados numa nova seção do jornal (*"Classificados Letra A"*) e a professora receberá grátis uma assinatura anual do *Letra A*. Contatos: [letra.a@fae.ufmg.br](mailto:letra.a@fae.ufmg.br), (31) 3409 5334 ou Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), Faculdade de Educação da UFMG, Avenida Antônio Carlos, 6627, Campus Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais, CEP 31270-901

## expediente

Belo Horizonte: UFMG; Belo Horizonte: UFPA | **Vice-reitora da UFMG:** Heliana Maria Murgel Starling | **Vice-reitora de Extensão:** Ângela Inacabada Loureiro de Freitas Dalben | **Vice-reitora adjunta de Extensão:** Paulo Coimbra de Mendonça Viana  
**Diretora da FaE:** Antonia Vitoria Soares Araújo | **Vice-diretor da FaE:** Orlando Gomes de Aguiar Junior | **Diretora do Ceale:** Francine Izabel Pereira Meckli | **Vice-diretor do Ceale:** Maria Luiza Castanhari  
**Editora Pedagógica:** Zilda Visenti e Izabel Frate | **Editora de Arte:** Sílvia Amélia de Araújo (M207976) | **Projeto Gráfico:** Marco Severo | **Diagramação:** Diego Drosch, Marco Severo | **Reportagem:** Igor Lago, Jéssica Rosa, Juliana Ferreira, Lygia Santos, Paula Alvim, Regina Barbosa e Vitorino Cardoso Junior Assunção, Elton Antunes e Paulo Bernardo Vaz | **Revisão:** Heliana Maria Brito Brandão

O Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) é um órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais, Av. Antônio Carlos, 6627 - Campus Pampulha - CEP 31 270-901 Belo Horizonte - MG Telefones (31) 3409 6211/ 3409 5334 Fax: (31) 3409 5335 - [www.faculdade.educacao.ufmg.br](http://www.faculdade.educacao.ufmg.br)



FaE  
Faculdade de Educação

Ceale\*  
Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita

# Qual a função do ditado na alfabetização?



... TAINÁ FERRAZ LIAL - pesquisadora do Centro de Estudos em Educação e Linguagem e professora do Centro de Educação da UFPA

O ditado é uma atividade didática muito antiga e, talvez por isso mesmo, seja acusado de tradicional, mecânico, repetitivo. Para entender como os professores usam essa tarefa, precisamos perceber os diferentes tipos de ditado.

O "ditado mudo" e o ditado em que o professor fala as palavras para as crianças individualmente, por exemplo, têm sido usados em situações de avaliação diagnóstica. Eles ajudam a esclarecer que conhecimentos os alunos já dominam sobre o sistema alfabético, sobre ortografia ou outro componente do ensino e o que eles ainda precisam aprender.

Propostas para que as crianças ditem palavras umas para as outras também ocorrem em turmas de alfabetização. Podem ser jogos, por exemplo, dividindo a turma em grupos, cada equipe dita palavras escolhidas para que as outras discutam como escrevê-las. Nesse caso, os efeitos da tarefa são potencializados enormemente, pois os alunos trocam informações, comparam escritas, justificam escolhas. No fim, o professor pode recuperar cada palavra, comparando as formas de registros de cada grupo.

Noutra proposta, cada equipe recebe cartelas com figuras e três escritas diferentes para cada uma delas (retirada do ditado mudo, realizado com a turma) e deve escolher a correta. A equipe vencedora é definida quando o professor põe no quadro os conjuntos de palavras e reflete com a turma sobre as formas corretas.

Ha, ainda, o ditado em que o professor dita uma palavra (como "gato") para que uma dupla a escreva no quadro. Depois, sugere que a dupla troque uma letra da palavra para formar outra ("rato", por exemplo). Então, chama nova dupla para novas trocas ou novo par de palavras. O importante nessa atividade é chamar a atenção para as semelhanças e diferenças entre palavras.

Enfim, o ditado pode ser uma proposta eficiente se o professor usa estratégias variadas, problematizando e estimulando o aluno a brincar com palavras, pensar sobre elas, compará-las, transformá-las.



... MARILENE CARPINHO - professora do curso de Pedagogia da UFPA

O ditado costuma ser usado como treino ortográfico, ou seja, para praticar a escrita correta das palavras. Pode ser feito com palavras que provocam dúvidas; por exemplo, como se escreve *bolo, pato, limpo* - a última letra é O ou U? A professora escreve no quadro duas listas: a lista de *como se pronuncia* e a de *como se escreve*. Depois de chamar atenção para as diferenças entre as duas, apaga as listas e faz o ditado palavra por palavra.

O objetivo da atividade é duplo: primeiro, mostrar que nem sempre pronunciamos as palavras como as escrevemos, e que isso é normal. Palavras que têm sílabas finais átonas terminadas em O são pronunciadas como se terminassem com U: *bolo, pato, limpo*. As pronúncias podem variar conforme o dialeto do falante da língua - há quem fale *flamengo* e quem fale *framengo* - mas a escrita correta é *flamengo*. O segundo objetivo é levar o aluno a memorizar, a aprender de cor a escrita de palavras comuns.

Existem variações do ditado como treino ortográfico. No chamado auto-ditado, a criança deve escrever a palavra sugerida por um desenho. O exercício conhecido como *cruzadinha* (tipo de palavras cruzadas com imagens) também é uma modalidade de auto-ditado. Outra variação é o ditado em que as crianças, em duplas, ditam uma para a outra, alternadamente.

Uma das maneiras mais proveitosas de explorar os ditados é organizar os alunos em pequenos grupos para comparar como escreverem determinadas palavras: quem escreveu *belezas* com Z, acertou ou errou? Por quê?

Outra função do ditado na alfabetização é a de avaliar o domínio de regras ortográficas básicas, como escrever M antes de P e B, ou nunca usar Ç antes de E ou I. A professora, tendo ensinado a regra, no momento da avaliação, dita palavras estudadas anteriormente. Assim, pelo ditado, ela verifica em que medida o aluno assimilou a regra e sabe aplicá-la. A partir dessa avaliação, a professora prepara atividades para aplicar as que não alcançaram bons resultados.

## Dicionário da alfabetização

# Hipertexto

Do inglês *hypertext*, o termo designa textos não-lineares em ambientes digitais. A ideia da hipertextualidade surge num artigo científico de Vannevar Bush, publicado com o título "As we may think" ("Como podemos pensar"), na década de 1940. Nele, o pesquisador descreve o processo não-linear e associativo da mente. Já em 1960, o então estudante Theodore Nelson chama de *hipertexto* a escrita não-linear em ambiente digital. Para Nelson, os hipertextos se constroem em blocos menores de textos interligados por links (Itens de acesso a outros textos ou a outros blocos).

Nos anos 90, ensaios de Pierre Lévy sobre hipertexto e "tecnologias da inteligência" influenciaram os estudos do tema no Brasil. Para Lévy, hipertexto é "um conjunto de nós ligados por conexões". Esses "nós (...) podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos". (LÉVY, 1993, p. 33) O filósofo caracteriza o hipertexto pela não-linearidade possível em ambiente digital. Cientistas de todo o mundo, em vários campos de estudo, tratam da dinâmica da leitura e da escrita neste novo ambiente de construir textos.

Ainda na década de 90, historiadores iluminam as pesquisas sobre hipertexto com estudos da história cultural, em especial a do livro e da leitura, como Roger Chartier, um dos mais conhecidos historiadores do impresso. Para eles, a hipertextualidade já ocorria em impressos: na não-linearidade de notas de rodapé e sumários, por exemplo. Também para pesquisadores da literatura, há hipertextualidade em alguns textos literários de muitos autores, bem como nas obras literárias universais. Dessa forma, o tema hipertexto pode ser abordado sob perspectivas e por critérios variáveis. Já há uma vasta e consolidada bibliografia tratando do *hipertexto* tanto em relação a textos não-lineares em ambientes digitais, quanto recuperando a hipertextualidade anterior à era dos computadores e ambientes digitais.

... ANA ELISABETH BERRO - professora do CITEC/UFPA e pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Mitos e Tradições da UFPA

# Jogo do Livro

Evento bial reunirá professores, pesquisadores, escritores entre outros participantes, em mesas redondas sobre a leitura literária

(JULIANO FERREIRA)

Discutir o letramento literário na sociedade brasileira, abordando diferentes temáticas a cada encontro. Este é o principal objetivo do *Jogo do Livro*, evento realizado a cada dois anos pelo Grupo de Pesquisa do Letramento Literário (GPELL) do Ceale, em encontro que coloca em foco a leitura não só no âmbito da escola, como também fora dela.

O Jogo do Livro é organizado desde 1995 e ocorre na Faculdade de Educação da UFMG. Desde a sua primeira edição, são convidadas para conferências, mesas redondas e oficinas pessoas de significativa produção no campo da leitura e da literatura que se produz para crianças e jovens no Brasil.

A professora da Faculdade de Educação, Zélia Versiani, coordenadora do GPELL – Ceale, acredita que a variedade de especialistas na área do letramento literário ajuda a atrair um público igualmente diverso. “Nós temos uma presença forte de alunos da graduação e da pós-graduação, professores da rede pública e privada. Além disso, temos

também pessoas ligadas ao circuito de produção do livro, como editores, escritores, ilustradores”. O *Jogo do Livro* VII, denominado *Escolhas em Jogo*, que será, realizado de 21 a 23 de novembro de 2007, contará com essa diversidade de “jogadores”, característica do evento.

Zélia afirma também que, apesar de ser um evento pequeno, o *Jogo do Livro* é atualmente uma das melhores formas de se debater e refletir sobre a leitura literária. “Não é um mega evento. Porém, ele busca sempre se pautar pela discussão de temas atuais e pela conscientização em torno de questões ligadas à importância do letramento literário”. Desta vez, o tema das escolhas – em

várias de suas instâncias – se coloca sob diversos pontos de vista: dos alunos, dos professores, das editoras, dos escritores, dos pesquisadores, dos bibliotecários, e de outros sujeitos responsáveis pela chegada do livro às mãos dos leitores.

A coleção *“Literatura e Educação”*, publicada pelo Ceale em parceria com a Editora Autêntica, reúne livros que acompanham a história dos “Jogos” do Livro. Os livros da coleção são resultado de um trabalho de seleção e edição de textos que originalmente foram produzidos para o evento. Alguns desses livros receberam o selo *“Altamente Recomendável”* da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, FNLIJ.

**Coletânea *Literatura e Educação – Ed. Autêntica/Ceale*.** A coleção, já com sete volumes, reúne artigos de pesquisadores nacionais e estrangeiros. Destaca questões atuais sobre práticas, pesquisas e políticas de leitura, relativas ao letramento literário na escola e em outros espaços sociais de circulação do livro.

## O que é o que é ... (JEMIFER ROSA)

... que no início muda e no final dança? Para o professor de prática de ensino da Universidade Federal do Tocantins, Wagner Silva, os pequenos se sentem atraídos pelo desafio. “As adivinhas são textos essencialmente descritivos que oferecem algumas pistas, mas o objetivo dessas pistas é desviar o desafiado da resposta correta. É desse desafio, de tentar decifrar o enigma, que crianças e até mesmo adultos, gostam”. A professora do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Paulista, Renata Junqueira de Souza aponta ainda outra característica: “é um texto curto e isso atrai as crianças que estão em processo de alfabetização”.

Não é necessário que as adivinhas sejam educativas para estarem presentes na sala de aula. Para Wagner Silva, a escola deve trabalhar os diversos tipos de texto na forma

como eles circulam fora da sala de aula, para dinamizar o processo educativo. Renata Souza garante que, muitas vezes, são as adivinhas mais absurdas que fazem mais sucesso entre os alunos e, portanto, não há porque deixá-las de lado. Segundo ela, o importante é que as adivinhas sejam trabalhadas no contexto do que a criança está aprendendo. Para Aletéia Alves, professora da primeira série da rede municipal de Presidente Prudente, São Paulo, as adivinhas podem ser importantes para se trabalhar questões como as diferenças culturais. Ela conta que seus alunos trazem muito aquelas adivinhas dos pingos, dos pontinhos, que vêm nas embalagens de chips, mas que não são do tipo “o que é o que é”. “Eles falam comigo ‘ah, essa aqui a minha mãe conhecia, mas essa outra de salgadinho não’, daí a gente começa a diferenciar o que é folclórico e o que surgiu agora.”

### Na escola

A resposta ao desafio do início do texto é: MUDANÇA! “Você pode utilizar essa estratégia na sala de aula para trabalhar a questão da aglutinação no processo de construção de palavras”, diz Wagner Silva. Segundo o professor, a adivinha pode ser usada também para trabalhar conteúdos específicos. “Por exemplo, num conteúdo de geografia você pode elaborar adivinhas cujas respostas sejam o nome dos planetas, tudo vai depender da criatividade do professor”.

Para Renata Souza, as adivinhas podem ser propostas antes mesmo da alfabetização. “Na educação infantil vai-se trabalhar um pouco mais com a oralidade, o jogo sonoro, e nas séries iniciais pode-se iniciar o escrito”. Segundo Silvana Souza, professora da rede municipal de Junqueirópolis, em São Paulo, “com as crianças que já estão alfabetizadas, o objetivo ao se trabalhar as adivinhas é perceber como elas lidam com o entendimento do significado das palavras.”

### Resgate

Nem todos os professores estão cientes das potencialidades educativas das adivinhas. Wagner Silva diz que as adivinhas ainda são vistas, por muitos professores, “só como uma brincadeira que vem no final da seção dos livros didáticos ou como um gênero menor de texto”. Ele conta que a adivinha era muito popular quando não havia rádio nem TV e que, com o aparecimento de novas formas de diversão, muitas vezes mais solitárias, as adivinhas foram perdendo espaço. “Trazendo as adivinhas para a sala de aula você está trazendo outras formas de as pessoas se relacionarem. É uma tentativa de buscar o que está sendo perdido”, comenta.

**Adivinho se puder** – Eva Furnari. Ed. Moderna, 2002. Uma seleção de adivinhas engraçadas e apropriadas para o universo infantil, muitas delas retiradas da cultura popular brasileira. Eva Furnari reforça o humor dos enigmas por meio de ilustrações que divertem o leitor. Texto e imagem brincam com os sentidos literais e conotativos das palavras e sugerem respostas equivocadas e divertidas para as adivinhas.



# Ciências para crianças

Ensinar ciências de uma maneira descontraída, eficiente e instigante pode ajudar no aprendizado das crianças  
(Igor Luca)

Ciências é uma das matérias preferidas entre os alunos dos ciclos iniciais. Saber o que tem dentro do corpo humano, conhecer os diversos tipos de animais e descobrir “como funciona” o arco-íris são apenas algumas das muitas questões que as crianças trazem para a sala de aula. Segundo a pesquisadora sobre ensino de ciências, Selma Moura Braga, professora do Centro Pedagógico da UFMG, “a criança sempre tem o interesse de saber o porquê das coisas e, muitas vezes, esse porquê é explicado pela ciência”. Cabe ao professor explorar essa vontade de aprender de modo criativo, fazendo com que seu aluno sinta-se sempre interessado e motivado.

Uma das atividades mais simples e produtivas é levar os alunos para uma “visita” ao jardim da escola, ou a algum outro ambiente externo. Mostrar as partes de uma flor, as propriedades da terra e a importância do Sol naquele ecossistema, por exemplo, possibilita um contato mais direto das crianças com os assuntos trabalhados em sala de aula. O professor pode ainda visitar laboratórios e museus ou utilizar cinema, internet e brinquedos para tornar o aprendizado mais divertido.

“Na prática, os conceitos ficam muito mais claros”, é o que afirma o professor de ciências da E. M. Profª. Nadir Nepomuceno Alves Pinto, de Araucária (PR), Rafael Torquato da Rocha. Para ele, atividades que colocam o aluno em contato com a aplicação prática do conhecimento científico são estimulantes e essenciais ao aprendizado. Além das aulas convencionais, Rafael orienta um grupo de alunos no Clube de Ciências Augusto Ruschi, um espaço reservado para estudantes a partir da 3ª série que desejem aprofundar seus conhecimentos em alguma área da ciência. Os projetos de mecânica desenvolvidos por ele e seus alunos utilizando apenas sapatão e lixo eletrônico já concorreram em competições e feiras nacionais.



## DIFFICULDADES E DIÁLOGOS

Não é tarefa fácil mostrar aos alunos o que está além dos livros didáticos, das teorias, das fórmulas, das hipóteses. A pesquisadora Celi Dominguez afirma que “o maior dos problemas no ensino de ciências está na má formação dos docentes, já que não há formação específica para o professor de ciências, o que gera um desperdício dos educadores”. Na maioria das vezes, quem dá aula de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental é um professor polyvalente, que não tem formação específica e, se esse professor não buscar, por si próprio, o conhecimento das outras áreas, o aprendizado da matéria pode ser prejudicado.

Articular o conhecimento das diversas áreas da ciência é essencial para que o aluno aprenda. Não há como, por exemplo, explicar o funcionamento do corpo humano sem alguns conceitos básicos da física e da química. Além disso, o diálogo com outras matérias, como história e artes, é fundamental, pois torna o ensino mais dinâmico e desperta um maior interesse por parte do aluno.

## »» Explicar de um ângulo diferente

Tratar conceitos e teorias científicas com uma linguagem clara e acessível à criança é um dos maiores desafios do professor na elaboração de uma boa aula de ciências.

Para a especialista em ciências na educação infantil, Celi Dominguez, professora da Escola de Artes, Ciências e Humanidade da Universidade de São Paulo (EACH-USP), “o professor não deve focar na memorização de vocabulário por parte dos alunos, mas no aprendizado dos conceitos”. Muitas vezes, o texto do livro didático é pouco atraente e não prende a atenção do aluno, dificultando seu aprendizado. Uma alternativa que a pesquisadora sugere é a utilização

de textos de outros veículos, como livros paradidáticos e revistas voltadas para a divulgação científica.

O professor da UFRJ, Roberto Lent, autor de uma série de livros infantis sobre neurociência, acredita que os temas científicos podem e devem ser tratados pelos mais diversos meios de comunicação. O Instituto Ciência Hoje, do qual é diretor adjunto, publica mensalmente a revista Ciência Hoje das Crianças, que traz textos de credibilidade em uma linguagem voltada especialmente para o público infantil. Na sua opinião, um dos segredos de se ensinar ciência para crianças está em abordar os assuntos aproximando-os do universo dos alunos. Ele lembra, porém, que é recomen-

dável ao professor “não se prender somente ao cotidiano porque, assim, você restringe o universo da criança aquilo que está em torno dela, perdendo aquele aspecto do sonho e da imaginação que as coisas longínquas trazem”.

Já a professora Selma ressalta a importância do livro didático: “ele possui elementos da linguagem científica combinados a elementos da sala de aula, como exercícios e atividades, diferentemente de textos de divulgação científica que possuem características mais narrativas”. Porém, segundo ela, isso não ofusca o fato de que publicações como a Ciência Hoje das Crianças auxiliam no processo de aprendizagem e são ferramentas importantes para manter acessa a chama de interesse dos alunos.



A professora Cláudia Cristina Andrade dá aulas para a 3ª série no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Seus alunos, entre 9 e 10 anos de idade, já deram importantes passos no aprendizado da leitura e da escrita. Eles já dominam as características básicas do sistema alfabético (seu funcionamento) e começam a adquirir certa autonomia na produção e leitura de textos. Mas, vencida a primeira fase da alfabetização, ainda há um longo percurso pela frente.

Segundo Roxane Rojo, professora do Departamento de Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas, este é o momento de diminuir a carga de conteúdos que a criança precisa aprender e trabalhar de modo mais profundo certos textos. “Há uma série de irregularidades no sistema de escrita que continuamos construindo por toda a vida, cada vez que encontramos uma palavra nova. Após o primeiro ciclo, diminuindo o foco na alfabetização, reduz-se a quantidade de coisas que o menino tem que aprender nessa fase e, portanto, é possível sofisticar os textos, os gêneros, os tipos de práticas letradas (jornalística, literária etc) para que ele possa ter acesso.”

Sandra Cristina Lara, professora de quarta série da Escola Municipal Prefeito Aldino Pinoli de São Bernardo (SP), conta que, além de usar um livro didático como apoio, ela se vale de textos diversificados em sala de aula. “Faço momentos de leitura diários e vou diversificando essas leituras: um dia, levo reportagens de jornal, no outro, texto literário, um texto científico sobre algum assunto que eles estejam trabalhando em outras matérias. E uma leitura compartilhada, um dia eu leio para eles, daí, no outro, é a vez da criança.”

Para a diretora do Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental do Ministério da Educação (MEC), Jeaneite Beauchamp, nessa fase de ensino é preciso garantir que o aluno adquira efetivamente as capacidades necessárias para o domínio da leitura, produção e compreensão de textos escritos e orais em diferentes situações de uso da linguagem verbal. O Programa Pró-letramento – realizado pelo MEC em parceria com universidades – segundo ela, é uma forma de fazer com que isso aconteça de fato. Trata-se de um programa de formação continuada à distância voltado para professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental (crianças de 6 até os 10 anos de idade): A ideia é melhorar a qualidade de aprendizagem da leitura, da escrita e da matemática. “O enfoque do programa é a aquisição do sistema alfabético e os usos sociais da linguagem. Ele se organiza em eixos como avaliação do diagnóstico da alfabetização, organização do tempo pedagógico e planejamento do ensino, e reflexão sobre a prática linguística na alfabetização e no ensino da língua”.

O que fazer após a alfabetização inicial?

Assim que aprendem a ler e escrever, as crianças do segundo ciclo – ou séries equivalentes – precisam obter autonomia na leitura e na produção de textos, vivenciando a variedade da língua

## Trabalho com a gramática

A criança, após passar pelo ciclo inicial de alfabetização, precisa aprofundar seus conhecimentos da língua escrita nas suas diferentes formas de produção e circulação, bem como em seus distintos usos e funções sociais. É importante que ela tenha domínio dos textos que circulam em determinada esfera social, no cotidiano, por exemplo, como os bilhetes, cartas, contos, textos jornalísticos etc. A ideia é fazer com que os alunos se tornem cada vez mais autônomos, lendo com fluência e escrevendo zoinhos. Para Martha Lourenço Vieira, pesquisadora do Ceale, o foco, a partir do início do segundo ciclo, deve ser no texto escrito. "O trabalho com a leitura e a escrita deve ser feito sempre valorizando os aspectos da estrutura do texto, como ele funciona, como se adequa às situações de comunicação. Pois, quando os alunos saem alfabetizados, ainda não têm muita autonomia para ler e escrever. É preciso também trabalhar os aspectos gramaticais do texto, mas sem uma preocupação muito rígida com as normas da gramática, sem ensiná-la de forma isolada, sem uma função muito objetiva. A gramática deve ser trabalhada dentro do próprio texto." Segundo a pesquisadora, é comum as escolas ensinarem as regras da escrita separadamente, como se elas não fossem parte do texto. "O sentido está em exatamente fazer com que a criança compreenda para que servem essas normas, quais são suas funções para a escrita".

Susana Fernandes Brito, professora de quarta série da Escola Municipal Professora Malvina Cosme – Natal (RN) – procura desenvolver com seus alunos, de forma contextualizada, aspectos gramaticais que pressupõem o uso de terminologia. Para ela, o importante não é classificar as palavras como pronomes, adjetivos, substantivos etc, mas, sim, construir as regras junto com os meninos. "Não gosto de colocar para as crianças que o que elas fizeram está certo ou errado, são elas que precisam identificar seu próprio erro. Peço que elas escrevam, leio e observo as palavras que mais fugiram da norma ou do padrão e, posteriormente, construímos frases com essas palavras. Se dou um texto, por exemplo, elas leem, fazemos interpretações. Depois, destacamos juntos a palavra que indica ou caracteriza a qualidade de alguém. Elas começam a identificar, e a partir daí digo o que é um adjetivo".

Na sala de aula, é interessante que o professor ofereça situações que levem os alunos a refletir sobre o funcionamento da língua, as questões ortográficas, sintáticas, morfosintáticas, semânticas. A partir dessas reflexões, as crianças podem tirar suas próprias conclusões sobre o seu funcionamento. Para Cecília Maria Goulart, doutora em Linguística pela PUC-Rio e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, a gramática precisa ser trabalhada, mas é preciso atenção com o modo de fazer isso. "Os aspectos gramaticais devem ser ensinados do ponto de vista da língua viva, que faz sentido. A criança tem que ter clareza por que está fazendo aquele tipo de reflexão, aquele tipo de exercício." Para a pesquisadora, outra compreensão que o professor deve ter é de que o fato de o educador trabalhar com determinadas questões, analisando com os meninos as características da língua, não implica que todos passem imediatamente a usar aquilo que foi aprendido. "A apropriação que as crianças fazem dos conhecimentos varia, tem um tempo de digestão e os tempos das crianças são diferentes. Então, muitos vão se apropriar daquela sistematização, outros vão precisar de um pouco mais de reflexão sobre essas questões para compreender o sentido e o valor delas.", ressalta Cecília.

## Integração e sistematização

Apesar de as crianças de 9 e 10 anos estarem numa fase de aprofundamento e consolidação dos conhecimentos desenvolvidos no começo do Ensino Fundamental, o ensino deve continuar sendo bem sistematizado e planejado. Para Maria da Graça Costa Val, pesquisadora do Ceale, quando o ensino não é organizado, tanto as crianças quanto o professor se perdem no conteúdo que está sendo dado. "Se o ensino ficar muito livre, muito solto, o aluno não sabe para onde está indo, o que está aprendendo, nem o professor sabe o que está ensinando. Então, o ensino precisa ser planejado, organizado, sistematizado, progressivo. O professor pode ensinar o que ele quiser, mas ele tem que saber por que está dando aquela atividade, que capacidade intelectual está desenvolvendo naquele momento, que conhecimento aquela habilidade promove, em que aquela atividade contribui para o desenvolvimento da criança."

Cecília Goulart destaca que a sistematização do ensino para as crianças que concluíram a alfabetização inicial precisa ser feita em conjunto com os próprios alunos. "Na tradição da escola brasileira, a sistematização, de um modo geral, ou vem dos livros didáticos, das gramáticas ou é feita pela professora. É preciso abrir espaço na sala de aula para que as crianças possam ir reorganizando o conhecimento. Naquele momento, com aquele exercício que elas fizeram, ver o que aprenderam, tentar fazer com que a turma fale, ir organizando o quadro de aprendizado junto com os meninos, refletindo com eles."

As metas de aprendizado são definidas em função do que os alunos produzem, tanto na leitura quanto na escrita. Por isso, segundo Martha Lourenço, os professores têm que ter sempre em mente o que o aluno sabe, para poder avançar. "O educador precisa organizar o ensino ao longo do ano, o que ele vai priorizar, o que vai ser mais ou menos importante, porque o professor não pode querer resolver tudo de uma vez no ciclo que a criança vai entrar. O letramento é para o resto da vida, não é uma coisa que se resolve num ciclo, num determinado ano escolar, na medida em que a criança vai manifestando o conhecimento que ela tem, o educador vai introduzindo mais dificuldades." Segundo Graça Costa Val, para se chegar à sistematização, um bom caminho é partir do uso da língua, fazer uma reflexão sobre um fato gramatical e só depois chegar na regra.

Além da sistematização e organização, é de fundamental importância que as séries ou ciclos de alfabetização sejam integrados. Ainda segundo Cecília Goulart, as separações em etapas são feitas para fins institucionais, mas o aprendizado é um processo contínuo, sem rupturas. Por causa disso, ela defende que as discussões sobre ensino-aprendizagem das crianças sejam feitas pelos professores dos diferentes anos escolares. "É importante que os professores se reúnam para discutir esse processo, de forma que não haja rupturas, desconhecimentos no trabalho realizado com os alunos. É preciso discutir um eixo para a prática pedagógica nesse processo escolar de ensino-aprendizagem e os educadores de todos os anos escolares têm que participar, não fazer apenas uma reunião por ano e, sim, verticalizar também essa discus-

são. Seria interessante a escola organizar um dossiê dessas crianças em que seja possível observar a trajetória delas para poder pensar a continuidade do processo.” Da mesma forma, Cecília Goulart acredita que o próprio educador deve anexar junto ao histórico escolar da criança o que ele trabalhou com aquela turma, como foi trabalhado, que tipos de textos foram usados com os meninos. Assim, o professor que assumisse a turma no ano seguinte poderia ver o que vem sendo realizado com as crianças e, a partir daí, pensar o trabalho dele.

Maria da Graça Costa Val aponta que a integração deve se dar entre os ciclos do Ensino Fundamental e também do Ensino Médio. “É preciso que seja integrado no sentido de que todas essas fases de aprendizagem sejam baseadas nos mesmos princípios, na mesma concepção de linguagem, leitura, e produção de texto. Para que as crianças ampliem o círculo, numa espiral, tomando os objetos de ensino cada vez mais complexos. É necessário haver uma grande coerência entre o primeiro ano do Ensino Fundamental até o último ano do Ensino Médio, senão desnorreia a cabeça do menino.”

### Reflexão sobre a língua

Para a pesquisadora Maria da Graça Costa Val, o ensino deve ser sempre reflexivo, ou seja, capaz de desenvolver a capacidade intelectual e crítica do aluno sobre o mundo que o cerca. “O ensino que forma esse tipo de cidadão é o ensino reflexivo que, ao invés de mandar o sujeito decorar alguma coisa que é apresentada para ele como verdade absoluta, propõe desafios, faz perguntas, orienta os alunos no sentido de buscar e construir respostas, de descobrir as regras, de descobrir os conceitos. Isso se aplica também na matemática, na História, na História, na Geografia, na Filosofia”, diz.

Para Roane Rojo, muitos professores não estimulam seus alunos a participarem das discussões pedindo somente que eles repitam o que já foi dito. “Um problema grave do nosso ensino é o professor achar que o menino, até aprender alguma coisa – como se ele viesse absolutamente tabula rasa, folha em branco – ele tem que se ouvir e repetir. Um exemplo disso é que os professores só vão começar a mandar os meninos fazerem seminário, falar em sala – aquilo que criou e não repetir o que o professor disse – lá na oitava série.”

Pensar sobre a língua e o que possibilita as crianças aprofundar os conhecimentos que têm dos usos da leitura e da escrita. Atividades que estimulem o ato de ler e escrever são fundamentais na consolidação da alfabetização. Para Cecília Goulart, a atenção dos alunos deve ser atraída para os recursos objetivos da língua. “Se eles estão lendo algum texto, a professora pode fazer perguntas que provoquem a atenção deles: ao trocar essa palavra por outra por que será que entendemos que tal texto é engraçado? É importante que o aluno perceba que tem a possibilidade de usar outras expressões que vão me dar talvez mais precisão ou um sentido mais próximo daquele que gostaria.” É fundamental que os professores trabalhem com as crianças ao longo dos anos escolares sobre como a língua faz sentido e se organiza em determinadas situações.

A pesquisadora Martha Lourenço destaca também a importância da pontuação na produção de sentidos. “Além de explorar o aspecto discursivo, por que tal texto funciona de tal maneira em dada situação,

é preciso que o menino entenda que os modos de pontuar têm significados, que os sinais não estão ali à toa. Muitas vezes eles não pontuam ou pontuam inadequadamente. A criança tem que entender por que, por exemplo, tem dois pontos quando é introduzida a fala de uma pessoa, como ela vai identificar isso dentro do texto, os travessões, a pontuação do discurso direto etc.”

Dificuldades ortográficas, problemas para articular as ideias dentro de um texto, trocas de letras e escrita muito marcada pela oralidade também são comuns em crianças que acabaram de sair da alfabetização inicial. Para superar essas dificuldades – que são parte do processo de aprendizagem – é necessário trabalhar bastante a leitura e a escrita em atividades diárias. As dificuldades das crianças podem ser diagnosticadas pela própria produção escrita dos alunos. Por meio da identificação dos erros, é possível ver o que o aluno sabe e o que não sabe: o que precisa ser trabalhado. Em uma turma com 30 alunos, por exemplo, há problemas que são comuns, típicos de uma série ou ciclo. Para Martha Lourenço, as atividades que priorizam o ato de ler e escrever são fundamentais para sanar os problemas com a língua e desenvolver a autonomia dos meninos. “É preciso fazer com que eles escrevam muito, para poderem errar muito, pois este é período em que começam a testar ainda mais as hipóteses deles que ainda não estão fundamentadas. A criança também precisa ler bastante porque ela necessita de modelo, sem modelos de escrita não tem como ela aprender como a escrita funciona.”

Para consolidar a alfabetização e ampliar o letramento com seus alunos da terceira série (quarto ano de escolaridade), a professora Cláudia Cristina Andrade faz rodas de leitura e “rodas de notícias”. Na escola, são programadas algumas atividades permanentes em torno das práticas de ler e escrever, alguns projetos e algumas tarefas sequenciadas. “As rodas de leitura são permanentes, as crianças levam um livro por semana e o apresentam na roda. Com os meninos do quarto ano, sempre os provocamos e desafiamos para que eles comecem a fazer leitura de maior fôlego, com livros mais densos. Buscamos a construção de uma leitura mais autônoma e prazerosa. Se eles não gostarem do livro, eles não precisam ler todo.” Já a “roda de notícias” começa com uma pesquisa que os alunos fazem em casa. “Algumas vezes realizamos atividades como fazer a síntese das notícias que eles trouxeram. Também tiramos cópia do material e buscamos, juntos, as ideias principais de cada parágrafo, as informações mais importantes da notícia. Outra atividade que temos o costume de propor é a de reescrever a notícia de jornal coletivamente. Mas depende dos objetivos da semana, das necessidades que encontramos no momento”, afirma a professora.

### Bricadeiras e autonomia

Martha Lourenço ressalta ainda a necessidade de se trabalhar também com atividades como jogos e músicas. “Muitas vezes, quando a criança sai da alfabetização são abandonados esses tipos de atividades, pelo fato de o professor achar que criança maior não se interessa. Mas há músicas e atividades que têm a ver com o perfil dessa criança, adequadas à faixa etária. Os temas dos textos também precisam estar de acordo com a



realidade deles, com o que se interessam e, em termos linguísticos, textos que tenham estruturas que farão com que esses meninos avancem. O professor tem que complexificar os textos para que os alunos adquiram autonomia, para que sejam desafiados.”

Nessa fase de aprendizado, é importante que os alunos sejam instigados a tentar adivinhar qual será o tema do texto somente pelo que observam no título e nas ilustrações que o acompanham. É importante que as crianças tenham espaço para fazerem antecipações, inferências, adivinhações – elementos que fazem parte da competência leitora das pessoas que são proficientes em leitura.

Outra atividade que pode ser realizada com as crianças para aumentar sua autonomia na leitura e na escrita é o trabalho na biblioteca. As visitas precisam ser bem planejadas e exploradas, sempre com a ajuda do professor. A professora Sandra Cristina Lara conta que, uma vez por semana, leva as crianças à biblioteca da escola. As atividades realizadas lá não se restringem à leitura dos livros. “Vamos para a biblioteca e usamos os vários multimídias (CDs, fitas, DVDs). No trabalho que fizemos sobre o chocolate, um grupo de alunos pesquisou em revistas científicas, outro grupo entrou na internet e outro pesquisou poemas e músicas que falavam sobre chocolate. Tentamos estimular cada vez mais a autonomia deles, como pesquisar um título num arquivo e chegar ao conhecimento que eles estão buscando.” Fora da biblioteca, a professora também propõe uma série de atividades que resultam sempre em uma produção dos próprios alunos. O trabalho com cartas é uma delas. “O que temos feito é usar essa escrita de uma forma que se aproxime ao máximo da função social desse gênero. Então, trabalhamos com carta ao leitor, fazendo gancho com as notícias jornalísticas, observamos que tipo de cartas os leitores escrevem para o jornal. Comparamos uma carta comercial com uma carta familiar. Fazemos com que a escrita tenha um destinatário de verdade, os convites para festas e reuniões de pais, nós pedimos para as crianças fazerem, para que elas percebam o que tem que constar nesse convite, nessa carta.”

## Gêneros textuais

O trabalho com os gêneros textuais é fundamental no exercício de fazer com que as crianças conheçam os sentidos que a língua escrita tem nas diversas situações sociais. Por conhecê-los é que as pessoas se tornam aptas a participar das práticas letradas que circulam na sociedade, com capacidade para opinar, criticar e rebater. O aprendizado dos gêneros textuais começa logo nos primeiros anos de escolaridade – ou mesmo antes de entrar na escola – e é ampliado durante a vida toda. Segundo Maria da Graça Costa Val, o professor precisa perceber quais gêneros são pertinentes ao universo de uma criança de 9, 10 anos de idade, que a agrade, que despertem seu interesse. “Há muita coisa sendo produzida na sociedade relacionada à vida da criança, muitos gêneros escritos que elas precisam entender, ler criticamente, como cartão de vacina, rótulo de produto comercial, parlendas, canções populares, canções de roda, poema de cordel, rezas, tudo que circula no meio em que ela vive.” No entanto, a pesquisadora afirma que é preciso não limitar as crianças de camadas populares ao seu ambiente local. Elas devem ter acesso à internet, a obras da literatura infantil, aos jornais de grande circulação, à produção cultural mais ampla que acontece na sociedade.

Maria Aparecida de Oliveira Cristo, professora de quarta série da Escola Estadual Padre Miguel Ramin – município da Alta Floresta D’Oeste (RO) – conta que conseguiu driblar a pouca disponibilidade de materiais impressos onde vive. “Moramos em um lugar com poucas informações para as crianças, não temos acesso à biblioteca e internet. Eu pesquisei e levo para a sala de aula textos que chamem a atenção deles, como histórias, fábulas, poemas ou notícias de jornal. Tento mostrar aos alunos textos informativos a respeito de um assunto com o qual eles não estão familiarizados. Isso tem trazido uma melhora no aprendizado deles. Temos também nosso momento de leitura, um lê para o outro, ou um lê para todos ou todos lêem silenciosamente, depois conversamos sobre o assunto, o que cada um leu, o que havia nessa leitura.”

Para Martha Lourenço, é preciso utilizar os gêneros textuais de acordo com o conhecimento que as crianças manifestam e as situações de aprendizado. Esse trabalho deve ser feito sempre de modo planejado e adequado à aprendizagem que se busca atingir. “O ensino com uma variedade de gêneros dá mais possibilidades de tornar o trabalho com a leitura e a escrita menos artificial, pois os textos realmente têm uma função social, são usados nas situações do dia-a-dia.” Para a pesquisadora, a literatura é sempre uma boa dica para crianças de qualquer idade. “É interessante trabalhar com crônicas, já que esse gênero textual traz assuntos típicos do cotidiano. Também é possível complexificar os textos ainda que não pertençam ao mundo das crianças, mas que podem interessá-las.”

## Lançar desafios

Muitas vezes, textos considerados complexos para os meninos são recebidos de maneira positiva por eles. É o que afirma a pesquisadora Cecília Goulart, para quem o professor precisa levar desafios para a sala de aula. “Os educadores têm que propor desafios aos meninos porque se eles somente trabalham com textos e questões conhecidas, a sala de aula vai ficando muito pouco desafiadora e temos que aproveitar a curiosidade que é típica das crianças e incentivá-la. E textos mais complexos contribuem muito para isso, mesmo que elas não deem conta de tudo naquele momento, mas é assim que elas vão ampliando seus conhecimentos.”

Um trabalho que tem se mostrado bem sucedido com as crianças de quarta série é realizado na Escola Municipal Prefeito Aldino Pinotti – São Bernardo (SP). A professora Sandra Cristina Lara conta que sempre que os meninos estão apresentando muitas dificuldades de aprendizado, é montada uma oficina de leitura. As crianças são reagrupadas segundo as necessidades que apresentam. É feito um revezamento entre os agrupamentos. “A proposta dessa oficina de leitura é cada dia trabalhar um portador, para que eles percebam a função do tipo de texto, como ele é usado. Para trabalhar os contos de fada, por exemplo, as crianças reescrevem, criam uma peça de teatro. No outro dia trabalhamos com texto instrucional como uma receita, para isso, elas executam uma receita. Se é um jogo, elas jogam e depois registram como fizeram para jogar (as regras, as instruções). É uma experiência bem interessante porque colocamos as crianças para fazer junto.” (REGINA BARBOSA)



que haver diálogo entre professor e aluno. Além disso, é preciso estar atento ao que se conhece sobre as crianças (seu desempenho, suas características) e também ao que não se conhece e é preciso descobrir. Se os conheço bem, posso guiá-los melhor, mas devo buscar sempre perceber o que precisa ser mudado.

Em uma das salas de aula bilingües que estudei, por exemplo, nos três primeiros dias de aula, as crianças escolhiam onde queriam sentar. A professora observava quem conversava com quem, via que os meninos sentavam de um lado e as meninas de outro, e não era isso que ela queria. No quarto dia, ela deu uma peça de quebra-cabeça para cada aluno. Eles tinham que encaixar as peças para descobrir com quem iam sentar. Desse modo, todos teriam que interagir para descobrir que peças se encaixavam. O quebra-cabeça montado formava quadrados de quatro peças. E os quatro alunos cujas peças formavam um quadrado sentavam em grupo. A professora havia montado o jogo de modo a reunir, em um mesmo grupo, crianças que só falavam espanhol, outras que só falavam inglês e crianças que falavam um pouco das duas línguas. O objetivo era que os alunos trabalhassem juntos e se ajudassem. Todos no grupo podiam falar e as crianças bilingües traduziam. Numa sala onde só se falasse o português, eu agruparia um aluno bom em matemática com um bom em artes, um bom em português e outro bom em história, por exemplo. Assim, as crianças podem se ajudar sem dependerem exclusivamente da professora. O modo como a sala é organizada determina as oportunidades que a criança tem de aprender, tanto sozinha, quanto com seus colegas.

### É impossível manter um nível homogêneo de aprendizagem numa sala de aula. Como o professor pode lidar com essa realidade?

O que se pode fazer é utilizar experiências em comum e criar uma atividade da qual todos podem participar. Posso ler uma história, por exemplo. Assim, todos terão acesso à história porque eu, professora, estou lendo. Se a leitura fosse individual, talvez só os mais "adiantados" conseguissem ler. Então, leio a história e peço que eles desenhem parte do que ouvirem. Depois peço que escrevam o que entenderam. Deixo escrevendo os que conseguem escrever sozinhos e vou ajudar aqueles que não conseguem. Assim, mais tarde, todos podem compartilhar seus trabalhos com toda a classe. Essa é uma forma de organizar a seqüência de atividades de modo que todos mantenham o mesmo ritmo: todos ouvem a história, desenham, escrevem o que acham e depois lêem para o resto da classe. Assim, todos contribuem para o andamento da aula. Se quiser outro tipo de organização, posso agrupá-los em pequenos grupos, que depois compartilham com a sala o que fizeram. Portanto, posso organizar diferentes seqüências de atividades garantindo a todos a chance de participar.


### O que é etnografia? Quando os professores fazem um trabalho de pesquisa sobre suas salas de aula, eles também estão agindo como etnógrafos?

Etnografia é uma filosofia, um jeito de ver o mundo. É tornar visível o invisível, o comum. Ela ajuda o professor a entender o que acontece na comunidade de sua sala de aula. Pense em uma câmera de vídeo que grava tudo o que acontece. Se alguém de fora assistisse ao vídeo, o que entenderia? O que veria? Então, o que a etnografia faz é levar o professor a parar e pensar: "O que está acontecendo? Quem está fazendo o quê?". Um aluno pode fingir que sabe fazer a atividade, mas não sabe.

A etnografia ajuda, por exemplo, a lidar com um aluno que chega depois do começo das aulas, que acabou de se mudar e veio de uma escola totalmente diferente. Como professor, o que você faria? O que uma das minhas professoras bilingües fez foi convocar uma reunião de grupo. Todas as crianças vieram e ela apresentou o aluno novo, fez todos falarem das regras da sala e de como as coisas funcionam, mostrou o material etc. Assim, todos reaprendiam e aquela pessoa estava sendo incluída na sala.

### Como aplicar os estudos em etnografia nas salas de aula?

Uma professora que conheço tem um projeto chamado "estudantes etnógrafos". Em suas salas de aula, cada grupo possui um aluno fotógrafo e um etnógrafo. Eles devem fazer fotos e anotações sobre seu grupo durante uma semana e depois compartilhar com a classe. Então, a professora reúne todas as crianças que foram etnógrafos na semana para discutir com eles o que está acontecendo na sala de aula. Assim, eles podem traçar uma história da sala de aula e fazer uma linha do tempo no mural. Toda vez que acontece algo relevante, eles acrescentam símbolos ou pequenos textos na linha do tempo explicando o que aquilo representou para a sala. Eles fazem o



JUDITH GREEN é professora na Universidade da Califórnia e PH-D em letramento e construção do conhecimento. Atualmente, estuda etnografia e formação de comunidades dentro da sala de aula.

# Salas de aula: comunidades e culturas

Judith Green, professora e pesquisadora da Universidade da Califórnia, em Santa Barbara, EUA, já visitou o Brasil diversas vezes. Ela tem como foco de suas pesquisas a construção social do conhecimento. Durante seus 40 anos como professora, desenvolveu projetos buscando sempre compreender o espaço físico e cultural das salas de aula. Nessa conversa com o *Letra A*, ela conta suas experiências em classes bilíngües nos Estados Unidos (com alunos americanos, mexicanos e de outras nacionalidades), fala sobre o processo de aprendizagem e letramento dos alunos, e também sobre suas impressões em relação às escolas brasileiras. (IGOR LAGE)

## O que significa tomar as 'salas de aula como culturas', expressão que você usa?

A sala de aula reúne pessoas de lugares diferentes e que vivem diferentes experiências. Ali, elas precisam aprender a habitar um lugar em comum, ser parte de uma "comunidade". E, uma vez parte dela, você tem que descobrir quem é, o que vai fazer, o que vai ser, o que fazer amanhã, o que fazer hoje, o que já foi feito... Então, a aula não se resume à professora falando ao grupo de alunos. Sala de aula é a professora e os alunos criando um mundo próprio.

## Qual a importância de ver e construir as salas de aula como 'comunidades'?

Você pode construir uma sala de aula como "comunidade" intencionalmente ou deixar acontecer naturalmente. O professor pode construir uma relação na qual as crianças se respeitem e desenvolver uma "língua" comum, fazendo com que todos se sintam membros da sala. Mesmo assim, alguns se adaptarão mais facilmente, outros menos. Por exemplo, quando chega um aluno novo e a classe mostra a ele como as coisas funcionam, como se trabalha naquela sala de aula, você tem uma comunidade coesa. Porém, se ele entra noutra sala em que os alunos gritam sem parar e a professora não consegue solucionar o problema, então essa comunidade torna-se um caos. Mas, ainda assim, é uma comunidade. Não sou a favor da ideia de que uma comunidade é sempre acolhedora e amistosa. As comunidades são exemplos de como podemos nos organizar: trata-se do que fazemos juntos e de como o fazemos.

## Para que o conhecimento seja construído, os alunos precisam se sentir membros da comunidade?

As crianças aprendem em qualquer situação. Um aluno pode, por exemplo, aprender regras sociais ainda que não seja membro da comunidade. Se aprender é conhecer algo que antes não se conhecia, cada situação nova é um aprendizado para a criança. Porém, quando se trata do conhecimento acadêmico, o aluno precisa estar na comunidade. Devemos considerar a sala de aula como um grande texto visual e auditivo, com várias possibilidades de a criança aprender. Algumas aprendem observando, outras interagindo. Todos em uma sala de aula são membros da comunidade.

## Como o professor pode criar oportunidades de aprendizagem na sala de aula?

A primeira coisa que ele deve fazer é "construir" a sala de aula: onde as crianças vão sentar, o que vão fazer, como vai se comunicar com elas. Por exemplo, se tenho 10 meninos e 15 meninas na sala, como devo organizar minha classe? Vou deixar que se sentem onde quiserem, ou vou decidir onde cada um vai sentar? É importante decidir também como organizar o dia. O que faço primeiro? O que faço depois? Eles já sabem ler? Conhecem o alfabeto? Portanto, para organizar tudo, é essencial se enxergar como membro de uma comunidade e entender que não se trabalha sozinho. Tem

*"O professor  
pode construir  
uma relação na  
qual as crianças  
se respeitem e  
desenvolver uma  
'língua' comum,  
fazendo com que  
todos se sintam  
membros da sala.  
Mesmo assim,  
alguns se adaptarão  
mais facilmente,  
outros menos."*

# Ler para rir dos costumes

O humor na literatura infantil conquista leitores e propõe à criança repensar o mundo (VICENTE CARDOZO JUNIOR)

Uma velhota sai "cambalhotoando" por uma cidadezinha e vira de cabeça para baixo uma porção de tradicionalismos do lugar. Sylvia Orthof se diverte com as maneiras desinibidas de sua personagem em *A Velhota cambalhota*. Já Monteiro Lobato, no início do século passado, inventou que, no Sítio do Pica-Pau Amarelo, a ordem só durava enquanto uma lagarela boneca de pano permanecia. Criações originais como essas mostram que o humor não precisa ser ingênuo ou despido de questionamentos e conflitos só porque é feito para crianças.

Estudiosa da obra infantil de Monteiro Lobato, Lia Cupertino Duarte acredita que o escritor sempre vinculou seu humor à contestação e à negação de uma educação castradora: "Lobato prima pela liberdade, pela possibilidade de diálogos, de questionamentos, e as opiniões das crianças

são tão importantes, ou às vezes mais importantes, do que as do próprio adulto". É especialmente pelo humor de Emilia, com seu deboche, sua irreverência e seu estilo perturbador, que Lobato propõe ao leitor, de qualquer idade, a reflexão e a crítica sobre a ordem vigente.

A educadora e escritora Fanny Abramovich também relaciona o humor com uma visão de mundo sem preconceitos e estereótipos. Ela acredita que a graça esteja não na piada óbvia, mas numa "boa sacudida criativa e cutucativa pra fazer sorrir, pensar, rir, perguntar, parar por um momento e se dar conta de que o caminho poderia ter sido outro". E também rejeteia a ideia de que o humor questionador seja complicado demais para a criança: "É justamente porque a criança entende, e entende muito, que não se pode dizer qualquer coisa". Um humor simples e tolo seria desmerecer a capacidade intelectual do público infantil.

## Humor na escola

O livro engraçado e contestador, algumas vezes, desagrada a pais e professores. Segundo Lia Cupertino Duarte, se os adultos olharem para esse tipo de literatura com uma atitude conservadora, ficarão realmente incomodados. Ela lembra que a recepção dos livros de Lobato pela sociedade tradicionalista de seu tempo não foi tão positiva. Mas o que sua literatura fazia era apenas apresentar a espontaneidade e a irreverência da criança antes de "ser podada pelos padrões comportamentais e sociais", esclarece Lia.

A saída, então, é ser mais flexível, e não olhar o humor com tanto aborrecimento e recriação. A história engraçada, com a recorrente quebra de padrões e expectativas, revela grande potencial para envolver a criança no mundo da leitura. É o que diz Leila Mury Bergmann, professora da especialização em Educação Infantil da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: "As crianças entram no texto e gostam muito desse humor", destaca.

Para Leila, qualquer atividade que estimule o riso pode

ser interessante para conquistar novos leitores. Um bom exemplo para ela é a exploração do erro na narração de histórias já conhecidas pelas crianças. O contador pode, por exemplo, insistir em chamar Chapeuzinho Vermelho de Verde, falar que é o pai (e não a mãe) quem a manda levar doces para a vovozinha, ou seja, criar eventos inesperados que possam provocar o riso e despertar a curiosidade. "As crianças riem muito, consentam a história, mas riem e querem ouvir de novo", comenta Leila. "Essa aparição do novo inquieta as crianças, as deixa curiosas, querendo conhecer o novo final", completa.

O recurso gestual também pode ser bastante eficiente para fazer as crianças rirem durante a leitura de livros. Silvana Ribeiro Carvalho, professora de Literatura da E. M. Natalia Donada Melillo, em Itabirito (MG), acredita que as crianças se divertem mais quando a leitura "envolve a expressão facial e os movimentos com o corpo". Gestos, carolas e até um tom de voz caricato ajudam a realçar a comichide de personagens e passagens da história.

## Cuidados especiais

Mas também há casos em que a história engraçada traz mensagens pejorativas e discriminatórias, e o professor precisa ser cuidadoso com esse humor "politicamente incorreto". Marilda Aparecida Vaz, professora de Língua e Escrita na E. M. Profª Amélia Fernandes Martins, de Goiânia (GO), alerta que a atenção às piadas que depreciam algum grupo social deve ser constante, o que não significa que esses conteúdos devam ser evitados em sala de aula. "Claro que você não pode tirar essas histórias, porque senão você não desperta a criança para as questões presentes na sociedade", diz. Existem piadas de cunho racista, homofóbico, xenofóbico por isso é importante que o professor discuta tais preconceitos e explique o quanto eles são inconsistentes.

Abordando questões polêmicas, cutucando os padrões vigentes ou simplesmente provocando uma gargalhada espontânea, o humor é de grande valia para a literatura, com seu poder de subdizer à criança para o mundo dos livros. É um grande equívoco, portanto, que os adultos queiram censurar o contato das crianças com essa literatura pelos questionamentos e contradições que ela pode carregar. "Muitos adultos, com relação às crianças, infelizmente parecem ter medo do caráter profundamente humano do humor", lembra o escritor de livros infantis Ricardo Azevedo. "Trata-se de um erro, além de uma besteira".



Ilustração de Telo para o livro *A Velhota cambalhota* de Sylvia Orthof.

*“Tudo depende de como você integra os alunos. Meu sonho é podermos celebrar todo dia as diferentes culturas, aprendendo sobre elas e tornando-as visíveis como fonte de aprendizado.”*

trabalho de um etnógrafo e o usam em prol da própria sala. Em uma das salas de 5ª série, a professora ensinou as crianças a fazerem gráficos e tabelas para organizarem melhor os dados coletados. Eles foram até a universidade e apresentaram para nós o que observaram, como se fossem conferencistas. Nos mostraram o que era ser um aluno naquela sala de aula. A professora criou uma linguagem própria da sala como uma ferramenta para que os alunos entendessem melhor o que está ao seu redor.

### Por que é importante ter os alunos trabalhando juntos?

Trabalhando em equipe, podemos fazer juntos coisas que não conseguiríamos sozinhos. No entanto, algumas vezes, temos que trabalhar individualmente. O modo como o professor divide as tarefas deve alternar trabalhos individuais, em grupos pequenos, e os que envolvem todos. Cabe ao professor organizar isso, trabalhando na sala os 3 “R”: rights (direitos), respect (respeito) e responsibility (responsabilidade).

### O que você achou das salas de aula brasileiras?

Fiquei impressionada. Quando estive aqui em 1989, trabalhei numa escola de Porto Alegre cujos professores eram maravilhosos. Eles conseguiam se comunicar com as crianças de maneira interessante, escrevendo bastante e trazendo materiais para ajudar no aprendizado. Pude presenciar um grupo incrível de professores que conseguiram criar um ambiente propício de aprendizado. Isso é gratificante, mas também muito desafiador. Noutra escola em que estive, em Belo Horizonte, fui entrevistada pelos alunos e era época de eleições no meu país. Eles estavam na 4ª série e ficaram supercuriosos. Perguntaram qual a minha corrente política, em quem eu votaria e o que eu achava do governo. Perguntas desse tipo não seriam feitas em salas de aula americanas. A professora construiu com eles um modo de raciocinar, um modo de expressar suas dúvidas de uma maneira, ao mesmo tempo, educada e ousada, que os levou a elaborar perguntas tão complexas.

### O Brasil é um país de grande diversidade étnica e cultural. É mais difícil para o professor construir uma “comunidade” aqui?

Depende de como a professora fala sobre a comunidade, sobre como construí-la, como trabalhar juntos com respeito. As diferenças entre as crianças não devem ser obstáculo, mas uma chance de aprendizado. Lembro-me do caso de uma jovem que veio da África para os EUA e foi para uma escola onde não havia nenhum outro africano. Havia alguns afro-americanos, mas nenhum africano. Então, a professora perguntou se a ela não gostaria de falar um pouco sobre as escolas na África, o material usado lá, as roupas... De repente, ao invés de ficar isolada, a garota se tornou superpopular. As crianças queriam ver o que ela vestia, aprender a língua dela etc. Tudo depende de se você integra os alunos. Meu sonho é podermos celebrar todo dia as diferentes culturas, aprendendo sobre elas e tornando-as visíveis como fonte de aprendizado.

### Qual a sua visão sobre a profissão de professora?

Eu sou professora há 40 anos. Já dei aula para várias turmas diferentes. Comecei no ensino básico e fiquei por 10 anos. Lecionei em escolas muito diversificadas, com alunos afro-americanos, alunos que só falavam espanhol... A maioria delas com resultados bem interessantes. Não sabemos que caminhos nossos alunos irão tomar, como vão construir sua jornada, mas nós os ajudamos nesse processo. Alguns de meus alunos mantêm contato até hoje. Nessa jornada, eu aprendo com os meus alunos e eles aprendem comigo. Um dos alunos de uma professora com quem trabalhei acabou de se formar na Universidade de Berkeley, que é a melhor da Califórnia. Quando ele começou, não sabia falar inglês. Por isso, saber que você está ajudando crianças em sua jornada e poder ver o resultado disso é, para mim, a parte mais gratificante de ser professora. Ensinar não é algo técnico, é algo humano. É é muito interessante poder participar de uma publicação para professores. Obrigado por me permitir compartilhar isso.

<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a02.pdf>

– Artigo publicado em 2004 na Revista Brasileira de Educação por Judith Green em parceria com Eduardo Fleury Mortimer (UFMG) e Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo (UFSJ). Seu tema é A constituição das interações em sala de aula e o uso do livro didático: análise de uma prática de letramento no primeiro ciclo. Discute a apropriação de um livro didático de Língua Portuguesa por uma professora de primeiro ciclo, evidenciando aspectos do discurso em sala de aula e das relações construídas entre professor e aluno.

# Caligrafia

A mudança dos modelos de alfabetização modificou, também, o uso da caligrafia nas salas de aula

(LUCIA SANTOS)

Caligrafia, do grego kallos (beleza) + graphos (escrita), significa “letra bonita”. Por muito tempo, pregou-se na escola padrões de escrita considerados como os mais corretos, legíveis e belos, ensinados aos alunos por meio de “exercícios que serviam para adestrá-los a um tipo uniformizado de caligrafia”, aponta a pesquisadora da PUC-SP, Márcia Razzini. Além disso, “era uma tarefa que mantinha a turma trabalhando, pois, naquela época, muitas escolas eram isoladas e os alunos tinham idades e níveis diferentes, que promovia a memorização da estrutura da língua; e que reforçava signos patrióticos e mensagens morais”, afirma a especialista no assunto, Diana Vidal, da Faculdade de Educação da USP.

A situação da escola mudou muito e seus primados pedagógicos também. Desde 1950, o Ministério da Educação retirou a disciplina do currículo oficial e deixou para as instituições

escolares a decisão de usar ou não cadernos de caligrafia. Atualmente a maioria dos professores privilegia a escrita espontânea, em que as crianças são estimuladas a desenvolverem um estilo de letra próprio. Os cadernos de caligrafia quase não são mais utilizados e existem poucas pesquisas acadêmicas sobre o assunto. Apesar disso, a letra ilegível de muitos alunos continua preocupando pais e professores.

A pedagoga Joana Assunção de Oliveira, da Clínica Pedagógica, em Belo Horizonte (MG), diz que alguns educadores acabaram abandonando o ensino do ator motor da escrita, visto como uma prática do ensino tradicional: “não importa mais a forma como a criança pega no lápis, a direção do traçado das letras, a postura na carteira”. Ela atende muitos casos de crianças com dor nas mãos ou dificuldade para escrever rápido.

## Coordenação fina

Para escrever, é preciso desenvolver a motricidade (coordenação) fina: habilidade muscular que permite o micro-movimento da escrita. É necessário muito treino até que a criança consiga segurar firmemente o lápis ou a caneta e fazer, de maneira automática, o traçado das palavras de forma legível, linear e adequada ao espaço disponível na folha. Esse desenvolvimento motor é adquirido com exercícios que mexem com a amplitude do movimento da mão: desenhar figuras geométricas presentes nas palavras, fazer colagens, recortar, pintar, brincar com massinha ou fazer exercícios propriamente caligráficos.

Quando as crianças não sabem ainda ler e escrever fluentemente, cadernos de caligrafia podem não surtir efeito algum. A professora do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH) e formadora do Ceale, Idalena Chaves, conta que uma educadora se queixou de que a letra de seus alunos da fase introdutória estava muito feia e que a utilização de um caderno de caligrafia não adiantou. “Sugeri que ela oferecesse desenhos para colorirem, pois é uma atividade que trabalha o movimento de pinça, o que ajuda no traçado da letra. Em pouco tempo, a letra deles melhorou”, conta Idalena Chaves.

## Função atual

Para Diana Vidal, a caligrafia é útil “como forma de modelação de uma escrita gráfica que possa servir para uma maior legibilidade do traçado da letra, algo diretamente relacionado à função social da escrita, que é a comunicação”. E nesse sentido que a questão da caligrafia não é uma discussão ultrapassada.

Segundo a pesquisadora, mesmo a aparição da escrita digital não superou o fato de que é importante escrever bem com lápis e papel para se fazer compreender. “Continuamos usando a escrita para redigir textos, nem que sejam bilhetes ou provas e exercícios escolares, e, além disso, o computador não é um bem acessível a todos”, diz.

O exercício caligráfico não pode ser, contudo, dado como castigo, nem exigir cópias repetitivas de frases moralistas como “Não vou jogar lixo no chão”. Se uma criança já alfabetizada tem uma letra “feia”, deve-se explicar a ela o objetivo dos exercícios, que só serão dados por um período determinado e podem ser complementados por leituras e trabalhos manuais.

## Tipo de letra

Antigamente, ensinava-se, antes de tudo, a letra cursiva. Seu aprendizado demandava muito tempo de treino, pois ela exige maior precisão e aplicação no traço. “Hoje, as escolas estão dando mais importância à letra de imprensa, mas não se pode deixar de lado o ensino da letra cursiva, pois é preciso saber ler e escrever manuscritos”, afirma a professora da FaE/UFMG e pesquisadora do Ceale, Isabel Frade. Ela aponta que “é preciso criar sentenças funcionais de uso da escrita cursiva – assinatura do nome, colocação de títulos em cadernos, agendas – que recuperem sua função social e deem sentido ao seu ensino”, completa a pesquisadora.

A professora da E. M. Denise Maria Torres, no Rio de Janeiro (RJ), Andréa Serpa, acredita ser seu dever possibilitar que os alunos tenham domínio de todos os tipos de letra, mas com liberdade para escolher a mais confortável. “O que importa é ter uma letra agradável, clara e com tamanho adequado para leitura. Não exijo que todos escrevam da mesma maneira, afinal cada um tem sua própria escrita e devemos respeitar a diferença e individualidade”.

## »» O ensino da caligrafia no Brasil

A caligrafia como disciplina começou a ser ensinada nas escolas normais do século XIX, associada à iniciação na cultura escrita. Os alunos – em sua maioria homens – aprendiam uma caligrafia mercantil, inclinada, que os prepararia para trabalhar com registros contábeis, cartórios, civis etc.

Ao final do século XIX, as escolas primárias incorporam essa disciplina, cuja letra padrão era a denominada pedagogica – considerada mais legível segundo padrões influenciados pela letra impressa, difundida com a máquina de escrever (que começa a se popularizar depois da segunda metade do século). Configura-se, assim, uma distinção entre um padrão escolar de escrita (letra mais redonda) e uma grafia informal, transmitida fora do âm-

bito escolar. Surge uma discussão em torno da caligrafia vertical. Pensava-se que se a criança escrevesse de forma vertical, sua postura seria mais saudável. É também nessa época que começa uma preocupação com a criação de cadernos de caligrafia.

No início do século XX, há uma proposta nova, a da caligrafia muscular. “Um conjunto de estudos da Psicologia e Pedagogia dizia que era a escrita mais próxima da fisiologia do movimento correto. Mas é um modelo que acaba não tendo uma inserção muito forte nas escolas”, conta Diana Vidal. Os cadernos de caligrafia da época eram repletos de frases patrióticas, sem grande preocupação pedagógica com problemas recorrentes na alfabetização. Nas décadas de 20 e 30, essas frases vão se tornando mais próximas

do cotidiano da criança, dando atenção às dificuldades de aprendizagem ortográfica.

Ainda em 1930, alguns educadores começam a defender um método natural de escrita, que prega uma não-uniformidade caligráfica. A caligrafia passa a ser subjulgada, por meio de atividades lúdicas, ao aprendizado dos movimentos da escrita, que, por sua vez, está a serviço da expressão do pensamento.

Nas décadas de 1950, a caligrafia é retirada do currículo escolar oficial, situação que permanece até hoje. “A caligrafia perde sentido enquanto disciplina, mas não enquanto atividade, pois trabalha a coordenação da escrita”, ressalva Diana Vidal. Os cadernos de caligrafia, no entanto, continuam a ser publicados até hoje.

## Hipertexto

**Hipertexto e Gêneros Digitais: Novas Formas de Construção de Sentido** – Luiz Antônio Marcuschli e Antônio Carlos Xavier. Ed. Lucerna, 2004. Os nove artigos reunidos nesse livro discutem como as inovações tecnológicas modificam as atividades linguístico-cognitivas dos usuários de computador. Analisam ainda como essas mudanças podem afetar o processo de ensino/aprendizagem da língua dentro e fora da escola. Todos os textos trabalham conceitos fundamentais para a temática, como o de hipertexto, gêneros eletrônicos, discurso, leitura e ensino a distância.

**A aventura do livro: do leitor ao navegador** – Roger Chartier. Ed. Unesp, 1999. O historiador Roger Chartier investiga o passado do livro para avaliar o seu futuro próximo. Descreve a história do livro desde o seu surgimento na

Antiguidade até a era digital, abordando como as transformações no suporte acarretaram mudanças culturais e nos hábitos de leitura. O autor destaca a revolução que o livro eletrônico deve provocar no mundo da escrita, ao reconfigurar o jogo de papéis entre autor, leitor e editor.

**As tecnologias da inteligência – O futuro do pensamento na era da informática** – Pierre Lévy. Ed. 34, 2004. Livro bastante influente no estudo da história, filosofia e antropologia da informação que aborda as novas técnicas de comunicação no campo da informática. O pesquisador tunisiano Pierre Lévy promove discussões sobre a técnica empregada na elaboração do hipertexto e temas relacionados, como os diversos tipos de oralidade e a construção de uma “tecnodemocracia”.

## Humor na literatura infantil

**Literatura Infantil – Gosturas e Bobocas** – Fanny Abramovich. Ed. Scipione, 1989. Em um capítulo especialmente dedicado ao humor, a autora exalta a irreverência e a espontaneidade do mundo infantil como fonte de boas risadas e reflexões, além de citar passagens engraçadas da obra de autores que sempre levaram as crianças a diversão pela leitura. Em linguagem descontraída, o livro discute vários assuntos de relevância para os interessados em literatura infantil.

**Sylvia Sempre Surpreendente** – Fanny Abramovich. Ed. Paulinas, 2007. O livro é uma homenagem bem humorada à escritora Sylvia Orthof. Fanny Abramovich relata a amizade e a admiração que experimentou em sua convivência com a divertida escritora de livros infantis. As ilustrações são expressivas, alegres e vivas, como sempre foram nas obras de Sylvia. Fanny presta uma bonita homenagem ao humor e à escritora.

**Lobato humorista: a construção do humor nas obras infantis de Monteiro Lobato** – Lia Cupertino Duarte. Ed. Unesp, 2007. A autora pesquisou os livros infantis de Monteiro Lobato para entender como o humor permeia a obra do escritor. A partir dessa leitura cuidadosa, ela observou a tendência das passagens engraçadas, construídas nas entrelinhas. A análise também destaca o aspecto essencialmente questionador do humor em Lobato.

**A Velhota Cambalhota** – Sylvia Orthof. Ed. Lã, 1985. Nesse livro de 1985, Sylvia Orthof cria uma velhota que leva a vida

como uma alegre brincadeira de dar cambalhotas. A leitura surpreende a cada página com o aparecimento de personagens totalmente inesperados, como São Pedro ou um poeta inconformado. A Velhota Cambalhota é um dos mais de cem livros publicados para crianças por Sylvia Orthof, sempre inspirada pelo humor e pela descontração.

**Zig Zag** – Eva Furnari. Ed. Global, 2006. Brincando de inverter substantivos e adjetivos, Eva Furnari cria expressões inusitadas como “patinho mau” e “lobo feio”, “bicho vermelho” e “chapeuzinho papão”. Essas combinações incomuns de palavras tornam-se imagens bem engraçadas nesse livro em que a polissemia e a construção inesperada de sentidos provocam o riso.

**Memórias de Emilia** – Monteiro Lobato. Ed. Brasiliense, 2004. Emilia decide narrar suas memórias, sem ser necessariamente fiel aos fatos lembrados. Não só em suas memórias como em toda a coleção do Sítio, Emilia conquista a simpatia do leitor com seu humor irônico e desalfador.

**O sábio ao contrário – A história do homem que estudava pun** – Ricardo Azevedo. Ed. Ática, 2004. Em um reino distante, um devoto pesquisador se dedica a um minucioso estudo do pun. Nesse conto de fadas moderno, apenas o inesperado objeto de estudo já garante o humor da narrativa, que também aborda de maneira divertida assuntos como a pesquisa científica e a investigação de problemas pouco explorados.

## Ciências para Crianças

**Coleção Aventuras de um Neurônio Lembrador** – Roberto Lent. Ed. Vieira & Lent, 2004. Pix é um garoto comum, que vai à escola, brinca, anda de bicicleta e é apaixonado por Camila, sua colega de sala. Para ajudá-lo em todas as suas atividades, entra em cena Ze Neurim e sua turma de neurônios que explicam o funcionamento do cérebro e sua importância no dia-a-dia de Pix. Além da linguagem simples e das belas ilustrações, cada livro traz o comentário de um especialista que dá explicações mais detalhadas sobre o tema tratado.

**http://cienciahoje.uol.com.br/418** – Site da revista Ciência Hoje das Crianças, com conteúdo online de todas as edições, além de material exclusivo. Traz em linguagem acessível as notícias, diversos textos de divulgação científica, dicas de eventos, biografias de cientistas e inventores famosos, e conteúdo de outras áreas do conhecimento, como matemática, literatura e artes.

**http://www.on.br/site\_brincando/** – O site Brincando com Ciência traz conteúdos como astronomia, química e meio ambiente em forma de jogos, piadas e curiosidades. Há ainda sugestões de experiências e links para sites relacionados.

**Osmose Jones – Bobby Farrelly, 2001.** Filme com atores reais e animação que conta a história de Frank (interpretado por Bill Murray), o zelador de um zoológico. Frank ingere involuntariamente um vírus letal conhecido como Thrax. Na “Cidade de Frank”, ou seja, dentro do corpo do protagonista, o policial-leucócito Osmose Jones e seu parceiro Drix tentam combater o invasor e salvar a vida de Frank. O filme, bastante didático, ensina conceitos de higiene e fisiologia.

**Estação Ciência** – Centro de difusão científica, tecnológica e cultural da Universidade de São Paulo (USP). É um espaço que oferece exposições permanentes e temporárias sobre diversas áreas do conhecimento científico, além de oficinas, *workshops* e laboratórios. A Estação Ciência funciona de 3ª a 6ª feira, das 8h às 18h, sábados, domingos e feriados, das 9h às 18h. O ingresso custa R\$ 2,00, sendo a entrada gratuita para crianças menores de 6 anos e idosos com idade acima de 65 anos. A Estação se localiza na Rua Guacuruçu, 1394, bairro Lapa, São Paulo – SP. Mais informações: (11) 3673 7022.

## Caligrafia

**Livros escolares – o ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX-XX)** – Eliane Peres & Elomar Tambara (orgs.). Ed. Selva, 2003. O livro traz seis artigos, dentre os quais *Modelos caligraficos concorrentes*: as prescrições para a escrita na escola primária paulista (1910-1940), de Diana Vidal e Isabel Esteves, que analisa a concorrência entre os modelos de escrita inclinada, a caligrafia vertical e a caligrafia muscular na primeira metade do século XX, nas escolas de São Paulo.

# "Me fizeram professora"

Ser professora não foi uma opção, mas hoje ela adora o que faz

(PAULA ALMIM)

"Eu não escolhi ser professora, foi uma necessidade e eu me apaixonei rápido". Assim, Maria José Bezerra da Silva, 43 anos, costuma contar sua entrada na profissão. Na época, com 19 anos, ela tinha apenas a oitava série completa, mas se não assumisse a Escola Estadual Rafael Tobias Aguiar, na zona rural do município Alta Floresta d'Oeste (RO), 27 crianças ficariam sem estudar. Havia poucos professores no estado de Rondônia. No mesmo ano, ela começou o Ensino Médio a distância, terminou e, então, teve que ficar de novo sem estudar por falta de oportunidade. O lugar não tinha universidade e o acesso para outras cidades era difícil.

Não foram poucos os desafios na vida de Maria José, ela nasceu na Paraíba, foi criada pelos avós em Pernambuco, até finalmente chegar a Rondônia. Durante sua trajetória, enfrentou obstáculos tanto para estudar quanto para ensinar. "Eu tinha que ficar mudando porque eu morava em uma região que não tinha escola. Dos 9 aos 14 anos, eram 6 meses na casa de um, depois um ano na casa de outro... E assim fui perambulando de casa em casa". Quando fez o magistério, tinha que andar 46 km a pé para chegar à cidade onde fazia a prova. Para cursar Pedagogia passou quatro anos sem férias já que era durante esse período que o curso ocorria. "Tudo é aprendizado".

Em 2000, ela começou o curso de Pedagogia que habilitava professores para atuar com crianças de 1ª a 4ª, dentro do Programa de Aprendizagem e Capacitação Profissional (PROACAP), oferecido pelo estado em parceria com a Universidade Federal de Rondônia. Ao mesmo tempo, participou também do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA), oferecido pelo MEC. Era o incentivo

que ela precisava para se entusiasmar de vez com a profissão, pois até então ela sentia que ensinava, mas não entendia como os alunos aprendiam. "Foi aí que eu me apaixonei de vez pela alfabetização, pois a construção do conhecimento fascina o alfabetizador. Quando as crianças começam a aprender a ler e escrever, é uma dinâmica muito bonita, um acontecimento único para cada um", diz Maria José.

Quando começou como professora, teve que carregar material e merenda nas costas, ser zeladora, fazer um pouco de tudo na Escola Estadual Rafael Tobias Aguiar. Naquela época o acesso para a escola era difícil. "Não tinha estrada, chovia nove meses seguidos, ficava tudo atolado, e eu tinha que contar com ajuda da comunidade para trabalhar na escola. Ser professora aqui era uma aventura muito grande", declara.

Para a educadora, o dinheiro é pouco, o material muitas vezes falta ou traz conteúdo não condizente com a realidade do estado. Para trabalhar, por exemplo, história e geografia, ela tem que aproximar o conteúdo do contexto das crianças. Além disso, os alunos têm ritmos muito diferentes, de modo que é preciso adequar atividades e entender o desenvolvimento de cada um deles, sem ultrapassar os que têm mais dificuldade ou frear os que aprendem com mais facilidade. Mas Maria José não se intimida com as dificuldades da profissão, ao contrário, declara que, quanto mais trabalhoso, mais dá vontade de continuar alfabetizando. Ela acredita que ser alfabetizadora é só para quem tem muita paixão. "Tem que suportar, além das horas de contrato, ter dedicação, dar suporte afetivo para os alunos. É um desafio a cada dia".

Muitas histórias marcam sua trajetória. Numa delas, um aluno que veio transferido para a Escola Estadual Padre

Ezequiel Ramin, onde a educadora trabalha, era repentinamente há vários anos a família tinha problemas com álcool, drogas e violência. O menino era um pouco revoltado, jogava mesa para cima, saía correndo e tinha crises nervosas. No início, a professora teve medo de lidar com a situação, mas, aos poucos, conseguiu ganhar a confiança dele, ficar sua amiga.

"Tudo que eu precisava ele fazia e se sentia bem por estar ajudando", relata com orgulho lembrando ainda que, depois que foi seu aluno, o menino conseguiu finalmente passar de ano e aprender os conteúdos já que, segundo a professora, quando ele queria e estava bem, era muito inteligente. Maria José explica que "o trabalho do alfabetizador é muito maior. Não é só ensinar, é também educar, impor limites, pois isso nem sempre parte da família".

Outra história curiosa é a de uma aluna que não gostava de passar a lição a limpo. Maria José conta que achou interessante porque nunca tinha visto um aluno tão pequeno ser tão questionador. "A aluna perguntava por que tinha que fazer a mesma coisa duas vezes e não aceitava. Eu tive que pegar os meus cadernos e mostrar a ela que aquilo era aprendizado, pois eu também passava muitas coisas da faculdade todas a limpo. A partir daí, a menina acreditou que aquilo tinha utilidade."

Hoje, Maria José dá aula para o ciclo básico de alfabetização na Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin, em Alta Floresta do Oeste, Rondônia. O maior orgulho dessa alfabetizadora é ter reconhecimento pelo seu trabalho e ver que as crianças não só aprendem, mas também lhe ensinam muita coisa. "Eu vejo que faço falta na escola e isso é gratificante. Costumo brincar que sou professora, antes mesmo de ser dona de casa, pois comecei a ensinar bem antes".

Professora Maria José, há 10 anos, com uma turma de 2ª série da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Padre Ezequiel Ramin, do cidade de Alta Floresta do Oeste (RO)

